

# ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 245 do 5.º Ano—N.º 45

Editor, Abel de Vasconcelos Gardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 5 de Agosto de 1915

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

## PELA NOSSA ESCOLA INDUSTRIAL

Em todos os países em que os problemas da instrução são sensatamente considerados como superiores para garantir a estabilidade da autonomia política e o futuro económico e progressivo dos povos, foi ha muito assente a utilidade de completar a escola primária com a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino profissional. Dêle resultava a fixação e o desinvolvimento, nos anos mais apropriados, das noções adquiridas pela sua realização fecunda, o robustecimento da inteligência e a orientação mais firme do carácter, como era um verdadeiro instrumento para a formação e aprendizagem da actividade, criando no individuo não só os hábitos como a educação do trabalho, de forma que, ao deixa-lo na vida, tinha já um valor determinado, um verdadeiro operário ganhando a subsistência. E breve se palpou a illusão de como era tam imoral como arbitrário julgar substituída, ou pelo menos contrabalançada, a aprendizagem na escola feita sob as imperiosas necessidades da luta pelo pão, nas fábricas ou oficinas, onde, por maior que seja o altruismo do patronato, não ha que perder de vista os interesses financeiros, os lucros do capital.

Citaremos ao acaso o inquérito de Gréard sob a aprendizagem em Paris—«Segundo a confissão de todos, tal como está geralmente constituída, a oficina, que devia servir para desinvolver todas as forças da criança, gasta o seu corpo antes que a natureza tenha acabado de o formar, entorpece a inteligência que a escola tinha começado a despertar, cansa a imaginação e o coração, abastarda o espirito do officio. Deplorável escola de costumes particulares, deprava o homem no aprendiz, o cidadão no operário e não forma mesmo o operário». Note-se que não se trata da entrada da criança para uma fábrica, onde todas aquelas desvantagens avultam a pouto de poder afirmar-se que é, tanto sob o ponto de vista fisiológico como moral, um horrivel atrofiamento e uma criminosa desnaturação do individuo, mas da sua aprendizagem em certas oficinas da fábrica. Pelo contrario, a escola obedece a um salutar equilibrio, a produção de trabalho é subordinada à idade, natureza e aproveitamento do aluno, pois que decerto modo se procura também adaptá-lo às exigentes necessidades da vida mas gradual e criteriosamente, estabelecendo o hábito de trabalhar ao mesmo tempo que se educa a forma de trabalho.

«A criança encontra ainda na escola, acrescenta P. Astier, senador de Ardèche, o beneficio duma cultura moral, duma instrução moral mais desinvolvida». Assim o compreenderam e realizaram as nações civilizadas, a Inglaterra, a Suíça, a França, a Bélgica, a Alemanha, os Estados

Unidos... Dos 27 estados confederados da Alemanha, as legislações de 23 apresentam estes traços comuns característicos — instrução obrigatória na escola primária elementar até à idade de 14 anos sem excepção possível, nem dispensa de qualquer natureza; depois dos 14 anos e durante dois anos, três na maior parte dos estados, obrigação para os rapazes, em todos, e para as raparigas também nalguns de frequentarem a escola complementar profissional (*Fortbildungsschule*), cujos cursos são adaptados e apropriados em certa medida às conveniências dos diversos grupos de profissões. Na Suíça a instrução popular é tratada como um verdadeiro culto. Todo o recruta como todo o aprendiz é publicamente examinado e as estatísticas accusam mais do que um aproveitamento geral, uma salutar emulação. Dificilmente se encontrará uma criada de hotel, um empregado, um operário que não tenha um certificado de estudos.

Por enquanto nós decretamos o descanso semanal e a regulamentação das horas de trabalho, medidas muito justas mas incompletas e, de certo modo, perigosas no nosso dolente e vicioso temperamento de latinos.

No tristissimo conflicto em que a Europa anda involvida—e anciosamente perguntamos quando terminará?—, sairão sempre vencedores, e contra todos, os povos que exercerem uma função social definida, pois que nem se aniquila uma raça que tenha o seu lugar marcado na vida, nem o rótulo da indepedência consegue disfarçar a escravizadora penúria dos que se agumentam ao acaso, pobres seres anónimos, parasitários da civilização, vivendo da esmola ou do favor, a esmola da importação, o favor da sombra que os cobre.

Na falta de grandeza militar, que se não compadece nem com a estreita faixa do nosso território nem com as imperiosas necessidades do aproveitamento da população descrente, nós poderíamos hoje ser uma grande utilidade se tivéssemos uma produção educada e activa. Ao contrario! No fim dalguns meses de guerra, a nossa porta batia implacavelmente a fome, sinistra e miserável.

Que ao menos a lição nos aproveite e, se há neste momento um claro *dever nacional* a cumprir, esse é o da *intensificação e educação do trabalho*.

Há quanto tempo Guimarães vem lutando pela sua Escola Industrial... Relembramos com saudade uma velha campanha nos jornais—o *Comércio*, a *Religião* e *Patria*, o *Vimaranesa*—uma conferência do Dr. Avelino Germano na Associação Artística, o entusiasmo de Sarmento, do Dr. José Sampaio, do Dr. Meira, os esforços e os conselhos de Alberto Sampaio, a cooperação de in-

## ECOS

### Antecipados

Um jornal espanhol, o *El Liberal de Madrid*, falando do desastre do sr. dr. Afonso Costa antecipou o seu panegirico por esta forma:

«Faleceu na noite de ante-ontem o politico mais notável da nação vizinha; o que podia ostentar melhor do que nenhum essa categoria, não só em relação com o seu país, mas também em relação com os povos peninsulares.

Afonso Costa, para quem tivemos nos ultimos tempos mais censuras que para nenhum republicano português, era o governante unico em cujas mãos, transcorrido um curto lapso de tempo, estariam seguros e prosperos os destinos lusitanos.

Passou, ante proprios e estranhos, por um furibundo radical, por um implacável demagogo, por um inovador fulminante, por um inimigo jurado de toda a indisciplina.

Era, contudo, o mais governamental, o mais conservador entre os companheiros de luta que no poder se tornaram rivais.

Não fomos grandes amigos do excepcional politico português, não obstante lamentamos a sua prematura morte tanto como poderão fazê-lo os seus mais apaixonados admiradores.»

Deve o órgão madrilenho ter já mudado de parecer, visto que Afonso Costa não morreu, perdendo assim direito ao encomiástico epitáfio dos seus inimigos.

### Na berlinda

Em Lisboa foram presos alguns agitadores conhecidos da policia, noticiam os jornais.

Estes revolucionários de officio tem representantes cá na provincia — aos quais a policia também conhece.

Sigam uns e outros a sorte do seu officio.

industriais, José Miguel Costa, Eduardo M. d'Almeida.

Pois essa velha questão, que nós vimos agitando sob o olhar friamente indiferente do público corrompido pela lamentável doença da irritabilidade das paixões políticas, é cada dia mais palpitante e actual, mais urgente. Não há já que estudar—em revistas, em jornais, em livros, em estatísticas facilmente se encontram todos os elementos necessários a uma rápida e eficaz solução; o que se requer é actividade, energia, execução.

E agora que a Associação Commercial cumpriu já, e muito brilhantemente, uma das partes mais canserosas da sua missão— as Festas Gualterianas—, nós apelamos para a sua esclarecida atenção e dedicado patriotismo recordando este problema, que, a nosso ver, prende com os vitais e superiores interesses da cidade e concelho de Guimarães.

### O carrilhão de S. Pedro

Foi inaugurado no último sábado, primeiro dia das festas da cidade, pelas dez horas, o carrilhão de sinos da igreja de S. Pedro, cuja irmandade, de acôrdo com a das Almas, tinha resolvido aumentar com outros seis que foram fundidos no officina de Rebelo da Silva, da antiga rua da Agua, em Braga.

O facto despertou certo interesse na população, o que se justifica por estar a igreja no lugar mais central e concorrido da cidade e por estarem os sinos, apesar de adquiridos por etapas, muito bem afinados, sendo tocado com maestria o hino da cidade e outras peças de musica popular.

Pensa-se em obter, por meio de subscrição pública, um relógio para a torre com mostradores nas faces para ser observado dos diferentes pontos da cidade, e com horas e quartos como se usa noutras localidades, quebrando-se assim o encanto do almejado relógio do Tournal.

### A próxima

¿ Quem será eleito presidente da Republica?

Bernardino Machado, a despeito de tudo quanto lhe imputam respeitante ao seu ultimo governo, a verdade é que ele é um grande democrata, quer se aprecie na familia e na cátedra, como na sua já estirada vida pública.

Ele será um chefe de Estado à altura, honrando a Pátria e servindo a Republica.

### Incomparáveis!

Um outro jornal galego, referindo-se ao desastre que ia vitimando Afonso Costa, diz que ele se deu quando vinha de falar num comicio onde pronunciara um discurso violento:

«Viajaba el jefe de los radicales en un tranvia, de regreso de un mitin, en el que habia pronunciado un formidable discurso diciendo que la ultima revolucion seria poco eficaz por falta de rigor en los triunfadores al hacer sentir á los vencidos el peso de la derrota.»

E, coisa interessante: estas noticias são enviadas de cá! Insignes... apóstolos da verdade!

### PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Nos termos do § unico do art.º 26.º da Lei orgânica do Partido Republicano Português, convoco os cidadãos inscritos neste Partido e residentes nas freguesias da Oliveira, S. Paio e S. Sebastião, desta cidade, para a eleição das Comissões Paroquiais Republicanas das freguesias acima referidas, que se realizará no próximo dia 8 do corrente, no Centro Democrático, devendo começar o acto eleitoral ás 10 horas.

Guimarães, 29 de Julho de 1915.

O presidente da Comissão Municipal Republicana de Guimarães,  
Mariano da Rocha Felgueiras.

### PELA NOSSA TERRA

## O PROJECTO DA COLEGIADA

Pagas as despesas do liceu, ainda nos fica um saldo de dois a três mil escudos para o ensino

Há três números pretéritos do nosso jornal desenvolvidamente mostramos o grande beneficio que o parlamento prestou a cidade de Guimarães, tornando lei do país aquele projecto apresentado na sessão de 21 de Janeiro de 1913 pelo illustre deputado que foi dêste círculo, dr. Eduardo d'Almeida, resultando assim que dois terços dos rendimentos da extinta Colegiada sejam de hoje para o futuro applicados pela Câmara Municipal nas despesas com o liceu desta cidade.

Dêste projecto disse um dia neste jornal o digno reitor do nosso primeiro estabelecimento de ensino—«que ele não só alivia a municipalidade dos seus progressivos encargos orçamentais com as despesas da instrução, como se torna uma garantia para a segurança e estabilidade do liceu.» Precisando a importância dos dois terços, acrescentava o mesmo que depois das despesas obrigatórias do liceu ainda nos advinha um saldo de dois ou três contos, o qual era de parecer que eles não só deveriam servir para a compra de material de ensino, para criação dum recreatório, etc, mas ainda para «um outro ideal que há bastante tempo por cá germina, como seja a criação dum instituto que abranja a instrução profissional, commercial e liceal completa.»

Tal é a importância do projecto aprovado, no dizer autorizado do illustre reitor do nosso primeiro estabelecimento de ensino.

Ele representa, como se vê, não só a garantia de isentar o liceu de constantes ameaças duma dissolução como medida restritiva—por vezes tanto no jôgo das especulações partidárias—ao mesmo tempo que fará reverter um saldo de dois a três mil escudos para o fomento e solução do problema do ensino neste concelho.

Este incontestável beneficio prestado pelo governo da Republica à nossa terra é a demonstração cabal e segura daquilo que tantas vezes aqui temos dito: de que o regimen, e nomeadamente o Partido Republicano Português, não tem más vontades contra esta terra. Faça, porisso, a terra de Guimarães para com a Republica o mesmo que esta faz para consigo, reconhecendo implicitamente os beneficios que lhe são dados—dados como uma concepção de justiça e não de favor, é certo, mas que nunca é de mau efeito nem de errado critério politico saber agradecer em tempo.

Contra a velha usança de outros tempos, não vieram para a rua as filarmónicas e os archotes, nem tam pouco fenderam o espaço os foguetes e os vivas de regosijo.

Antes assim para bom exemplo de pósteros comentadores.



## Festas que passam, ecos que ficam

Cumpriu a terra de Guimarães mais uma vez, depois de oito, o dever patriótico de realizar a sua Festa da Cidade. O programa desenrolou-se nesses três dias por modo a dar ao forasteiro amigo esta impressão séria, agradável e, sobretudo, lisonjeira:—*De que os vimaranenses, a despeito dos profundos abalos porque passa na hora presente o mundo inteiro e nomeadamente a sociedade portuguesa, continua realizando a sua inolvidável Festa da Cidade, não pelo mesquinho e estreito egoísmo de as gosar, mas para com ela fomentar a sua riqueza, o seu trabalho, o seu progressivo desenvolvimento.*

Na observância deste princípio, as «Gualterianas» realizaram-se, e, pelo modo como se verificou, pode dizer-se que mantiveram os seus justos créditos—pois que é já hoje a primeira festa popular do país.

Dir-se há que aqui e ali se notou menos brilho, menos realce—e nós não desmentimos o dizer. O conjunto, todavia, manteve-se, cumprindo-se integralmente o programa, que era lúcido e empolgante, como sempre.

A Comissão que as levou a efeito é grato registar louvores, os mais entusiásticos e os mais sentidos, pois que com o seu esforço, que é grande, fizeram manter a tradição e o renome das «Gualterianas».

Quem como nós já a elas presidiu—*embora os colegas locais o finjam ignorar*—sabe que só um intenso e acendrado amor à terra de Guimarães, só um desejo forte de servir os interesses da comunidade vimaranense dão energias e encorajamentos necessários para a cansativa e esgotante missão de realizar umas festas da pujança e qualidade das «Gualterianas».

A Associação Comercial deu-nos, pois, um belo exemplo de sacrifício e de bairrismo, devendo registar-se o nome de Guilherme Barreira, o seu denodado presidente, bem assim o dos seus fiéis e dedicados cooperadores, pois todos merecem da população vimaranense as suas simpatias e os seus encarecimentos de gratidão.

E... até ao ano, não é assim?

## Centro Republicano de Guimarães

Reuniu a direcção deste Centro no dia 4 do corrente. Pelo presidente A. L. de Carvalho foi dito:—Que havendo-se efectuado há perto dum mês no Centro Democrático Vimaranense a assembleia geral destinada a resolver sobre a proposta da fusão da referida colectividade com o Centro Republicano de Guimarães, até hoje ainda lhe não tinha sido comunicada a deliberação da mesma assembleia geral. Esta circunstância, aliás desagradável, não impedia contudo que houvesse sabido extra-oficialmente ter sido rejeitada por unanimidade a ideia da dita fusão, sem excluir o voto dos cidadãos Mariano da Rocha Felgueiras e dr. Eduardo de Almeida. Não sabia que especie de argumentos ali foram expostos por estes dois illustres correligionários, nem julgava mesmo necessário sabe-los para que achasse estranhável o facto, visto que tendo partido do Centro Republicano de Guimarães e sob sua proposta a iniciativa de fusão das duas colectividades, havia previamente conferenciado com os referidos correligionários, obtendo deles o pleno assentimento a ideia da fusão. Se outra tivesse sido a opinião dos mesmos, que eram respectivamente presidentes da Comissão Municipal Republicana e Centro Democrático Vimaranense, por certo que não seria ele, presidente, quem insistisse na sua proposta, pois embora continue a considerar como de utilidade a junção num só dos dois Centros do mesmo partido numa terra de pouca efervescência política, ainda assim não deixaria de se conservar expectante esperando melhor oportunidade.

Terminando estas considerações, lamentava o facto, não só pelo insucesso como pelo desprimor que para si representava o estranho voto dos dois citados correligionários.

Continuando no uso da palavra, referiu-se ao resultado da eleição da Comissão Municipal, bem assim fêz a história da lista apresentada por este Centro, a qual não logrou vencer. Esta, que era composta com os elementos mais representativos do partido, devia dizer que não fôra feita *contra ninguém*.

Havendo as comissões políticas resolvido não apresentar lista no sufrágio, entendeu a direcção do Centro, conforme manda o seu Estatuto, elaborar *de acordo com elementos preponderantes no partido*, uma lista que servisse, não coterias, mas apenas os interesses superiores do partido democrático local. Feita esta, viu-se no dia da eleição, que outra lista era distribuída e propagandeada com empenho, entendendo a direcção do Centro desde logo dever desinteressar-se do assunto, pois que só a circunstância de se haver a sua direcção convencido de que nenhuma outra lista seria apresentada a determinara a elaboração na nas condições descritas.

Por este resultado em que ele, presidente, via mais uma vez vencida uma proposta anida de sua iniciativa, tanto mais que a lista votada *exclui um nome que julgava absolutamente necessário ver incluído*, por tudo isto e ainda porque tem tristemente observado não satisfazer a sua acção a dentro do jornal que dirige, a *Alvorada*, anunciava porisso aos seus colegas do Centro a resolução de abandonar o mesmo ao terminar do seu 5.º ano de publicação, o que seria dentro de poucas semanas, comunicação que podia aproveitar ao mesmo Centro se ele entendesse dever tomá-lo para si.

Trocadas algumas impressões mais sobre este assunto, ficou o caso para ser resolvido em outra reunião.

Por último, o presidente apre-

## Onde lhes dói... nós o sabemos!

Regressados da «Lisbia», conforme os *carneis* noticiaram, eis-nos votados a tarefa de dar trôco ao «Echos...»—ainda a propósito daquele seu picaresco reparo por haver oficiais do exército fiéis ao regimen constituído, quando o que a monárquica fôlha quer é que os oficiais do exército sejam fiéis ao rei deposto.

Que o «Echos...» manifeste e exponha o seu desejo é isso lógico, visto que é monárquico. O que traduz porém disparate é pretender que o exército se subordine ao mesmo critério fiado num juramento que traduz, afinal, *que o militar só deve ser fiel ao rei enquanto o rei não é substituído ou dispensado pelo povo, visto como toda a soberania é derivada não da pessoa do rei, mas sim da vontade da nação.*

Com grande cópia de citações isto mesmo demonstramos ao «Echos...» no nosso n.º 42, servindo-nos para tal, não de retórica comiceira, palavriado vazio, ao seu modo, mas com a própria letra das Constituições Políticas que serviram de base ao regimen passado.

Confundido, mas teimoso, voltou o «Echos...» a dissertar numa cantilena que pode servir para tudo que quizer, menos para desfazer um só dos argumentos aduzidos em o nosso artigo.

Nosso... com licença de um outro eu, pois não quer o faro jornalístico do «Echos...» ver na resposta *o feito e mão de obra* do director da «Alvorada», clamando com escrupulos de conceito—que a nossa resposta foi sem dúvida obra de outro *irmão Siamez educado e culto.*

Acetemos mais uma vez, depois de mil, este modo de elogio que tanto e tanto nos apraz, pois serve sobrimodo a nossa inteligência e a nossa educação, e vamos com um pouco ainda de paciência analisar, sob novo aspecto, *se o exército é do serviço da nação, como demonstramos nós, ou se é do serviço do rei, como quer o «Echos...»*

Anteriormente ao século XIX, em antes de haverem nascido a maior parte das constituições liberais, os vassallos eram, segundo as outorgadas cartas, *propriedade dos príncipes*, visto que estes o eram de *direito divino*—embora este *direito divino* não impedisse que tantas vezes a nação impozesse a sua vontade aos reis de privilégio dinástico, como haviam de proceder os illustres predecessores do «Echos...», os constitucionais, depondo pela força da revolução o rei legitimista Senhor D. Miguel de Bragança.

A força armada dessas épocas distantes também tinha o seu juramento de fidelidade, o qual revava assim: *«Pela fé, pelo Rei e pela Pátria!»*

É respeitaram-no os predecessores do «Echos...», os constitucionais de 1820, quando os vassallos eram propriedade dos príncipes?...

Terrível colisão a daqueles que não querem ou não podem compreender que a revolução é um direito natural, consagrado por um Evangelho escrito com o sangue generoso do povo!

A Pátria, que para os reis significou quasi sempre uma ideia egoísta e falsa—pois que só a nação a colocou acima de tudo, fazendo dessa ideia uma religião a

sentou um pedido de licença por dois meses.

Foi resolvido que o sr. Alberto Veloso de Araujo, illustre publicista agrícola, representasse este Centro na excursão de domingo em homenagem ao nobre estadista sr. dr. Afonso Costa.

cujo altar tantas vezes comungou a hóstia santa dos sacrifícios supremos—a Pátria que foi para D. Carlos «uma piolheira» e para D. Manuel um apêlo aos *destróyos* ingleses surtos no Tejo em 5 de Outubro, a Pátria renega quem a comprometeu com «adeantamentos» e quem a inquinava mais ainda com o virus jesuítico.

Mantido, pois, como argumento único e sério o que preceituava na Monarchia a sua própria Constituição Política, o exército, que é composto também de cidadãos e de patriotas, não podia deixar de seguir com a vontade da nação, pois nenhum juramento pode subsistir contra ela.

Um juramento que principia por prometer guardar fidelidade à Pátria, ao Rei e à Constituição—como é o juramento dos militares—é logicamente condicional e não há mestre nenhum de casuística que acuse de perjuro aquele que, vendo desservida a Pátria e a Constituição, se revoltou contra o rei, quebrando com honra o pacto de fidelidade.

Leia o «Echos...» o arguto Catecismo do célebre Abade Ambrósio Guillois, no capitulo que trata do respeito devido aos juramentos; leia ainda Frei Correia sobre o mesmo assunto e depois diga-nos, diga-nos fora da sua *liturgia monárquica*, se o juramento dos militares na sua fórmula expressa de *Pátria, Rei, Constituição* foi desrespeitado como quer presumidamente fazer acreditar aos leitores ingénuos.

Depois, que diabo! *¿Quem é esse reisote medrica e beato que fugiu num barco na Ericeira, logo aos primeiros tiros da revolução, não tendo sequer tentado reunir os seus Condestáveis Couceiros e Azevedos Coutinhos e quejandos filhos de Marte, seguindo com eles para o norte a pelejar por seu sceptro e coroa?!*

¿E' porventura por esse rei e generalissimo de ópera bufa que os oficiais do exército portugueses devem esquecer os seus deveres de patriotas, de cidadãos e de militares, guardando uma fidelidade que lhe não devem?

## Bôa aplicação de faculdades

Segundo nos instrue o Dicionário Histórico (d'après Chaudan et Delandine) o conceituado viajante inglês Sherlock reputa Samuel Richardson, romanista seu contemporâneo, um homem de incalculável merecimento, dizendo a seu respeito:

«O bem do género humano foi o seu unico objectivo; o conhecimento que tinha do mundo mostrou-lhe que a felicidade é proporcional ao exercício da virtude.»

«Sentiu que não tínhamos sistema algum pratico de moral e que só esta podia pela sua acção influir eficazmente no espirito da gente moça de um e outro sexo.»

A principal aptidão de Richardson consistia na pintura fiel dos caracteres que, por mais semelhantes que fôsem em dois ou mais dos seus personagens, o guardavam rigorosamente através de toda a obra.

O autor contou a Young como foi que em si descobrira essa aptidão, uma vez que aquele lhe perguntou como era que sem uma sólida e perfeita instrução elle se aventurára a escrever para o publico.

Tinha apenas dez anos, lembrou-se de esboçar no papel o retrato de uma senhora do seu conhecimento, que sob a reputação de uma grande bondade, elle suspeitava ser uma refinada hipocrita.

Pessoas que leram esse primeiro trabalho foram unânimes em o louvar, e foi isso que o animou a proseguir, mas por simples entretenimento.

Só mais tarde resolveu aproveitar essa aptidão escrevendo livros que podessem instruir moralizando.

Aqui tem os meninos frívolos mais um exemplo do que pode representar no futuro a aplicação em criança das faculdades e tendências do nosso espirito.

E' bem melhor indagar quais são essas faculdades e explical-as, do que malbaratar o tempo em diversões banais, grosseiras e tumultuárias como quasi todos persistem em fazer, a despeito dos conselhos em contrario.

Luis Leitão.

## A cadeia civil como há 13 anos.

### UM AUTO DE VISITA

¿Quando se conclui  
a nova cadeia?

«Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e dois, aos dez de Março, nesta cidade de Guimarães e cadeias dela, onde veio o Meritíssimo Doutor António Vicente Leal Sampaio, Delegado do Procurador Régio nesta comarca, com o Excelentíssimo Doutor Augusto Alfredo de Matos Chaves, facultativo municipal, comigo escrivão e, como official de deligências Luis de Souza Ribeiro Forte, para se proceder à visita destas mesmas cadeias, nos termos do artigo sessenta e oito do regulamento de vinte e um de Setembro do ano findo de mil novecentos e um; e, desse fim, passando êle Meritíssimo Doutor Delegado, acompanhado do dito facultativo municipal, de mim escrivão, do official referido e do carcereiro destas ditas cadeias, aqui presente, Francisco Raimundo de Souza Guize, a inspecção ordenada no citado artigo, depois de minucioso e rigoroso exame, declarou o mencionado facultativo: que esta cadeia é um edificio de construção irregularíssima e muito acanhado, onde tudo está disposto na mais formal opposição com os preceitos mais rudimentares da hygiene. Dos três compartimentos do rez-do-chão, dois constituem as chamadas enxovias e são destinadas aos maiores criminosos, e o terceiro é a fossa, onde despejam a maior parte das latrinas. As enxovias não parecem *apossentos destinados a habitações humanas*; são, pelo contrario verdadeiros antros escuros e infectos. O seu pavimento, constituido por um lagedo irregular e sempre imundo, recebe as águas com que, por vezes, é lavado o pavimento superior, bem como todo o lixo que desta cai atravez das grandes fendas, que nele existem, sem que esta accumulção de imundície de toda a ordem encontre livre saída, por maiores que sejam os esforços de quem superintende neste edificio. O primeiro andar, que é a parte occupada pelo maior número de presos, e constituido por nove pequenos aposentos, dos quais um é destinado á prisão das mulheres e quatro á dos homens. Os restantes são occupados pela cozinha, e quarto do carcereiro. Os cinco compartimentos destinados aos presos são dum acanhamento de construção difficil de desenvolver. A luz que nêles penetra é muito pouca, a accumulção dos presos é extraordinária e a renovação do ar difficilima. E, como se tudo isto não bastasse para tornar deploráveis as condições higienicas *deste infecto par-dieiro*, deve-se acrescentar que no interior da maior parte destes compartimentos se abrem latrinas, cujas emanações mais concorrem para tornar perigosissima a atmosfera, ja de si irrespiravel, em que vivem os presos. Uma vergonha! E' por tudo isto que a cada passo se encontram, entre estes desgraçados, doenças infectiosas e contagiosas, nomeadamente a tuberculose. Que não ousava propor medida alguma com o fim de modificar as condições de tam estranho edificio; porque elle nada tem absolutamente de aproveitavel. Podem, muito embora, as corporações administrativas que nêle superintendem querer beneficia-lo com lavagens e desinfecções, (como a todo o momento se tem feito); o resultado será sempre nulo.

O unico remédio seria demoli-



lo por completo e proceder a uma construção apropriada.

E' um documento flagrantemente exacto, com a agravante de ter já a reforça-lo o longo período de 13 decorridos anos depois que elle foi escrito e registado no livro de visitas.

A cadeia nova—juma Bastilha de granito onde uma velha edilidade enterrou trinta contos!—é propósito da actual vereação conclui-la, depois de lhe haver modificado um pouco aquelas celas penitenciárias, cujo plano, a respeitar-se, atestaria a crueldade duma época afastada e bárbara, afrontando consequentemente o espirito de regeneração e de humanidade que hoje norteia todo o regimen presidiário. Simplesmente ainda não chegou, ao que parece, o momento de tentar essa obra, sendo aliaz imprescindível e urgente.

## Comissão Executiva DA Câmara Municipal

Sessão ordinária de 30 de Julho de 1915

Reuniu no dia 30 do p. p., pelas 21 horas, a Comissão Executiva da Câmara Municipal, sob a presidência do cidadão Mariano da Rocha Felgueiras, secretariado pelos cidadãos Cardoso Guimarães e Vitorino Sampaio, achando-se presentes os cidadãos Leite da Silva e Ilidio Dias.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi apresentado o seguinte

### BALANÇO

Caixa geral	4:982\$03
Em depósito	3:662\$32,5

Foi lido o parecer do vereador do pelouro da luz sobre uma ocorrência dada na eléctrica, o qual declara ser caso de força maior. Inteirado.

—Do cidadão Administrador do Concelho, informando que nomeou amanuense interino o cidadão Francisco da Cunha Mourão. Inteirada.

—Da Junta de Paróquia de Silveiras, pedindo para reparar um caminho, oferecendo a pedra necessária e respectivos carretos. A repartição das obras, para fazer o orçamento.

—De António de Carvalho, da Régoa, pedindo para a Câmara secundar o seu pedido na questão duriense. A Comissão confia nas providências que o Governo, sem dúvida, ha de tomar a favor dos interesses da região do Douro, sem que, porisso, prejudique os legítimos interesses do resto do país; e lamenta, profundamente, que as referidas reclamações do povo do Douro tenham dado motivo a tumultos e excessos que a todos prejudicam.

—Dos professores de Azurém e Vizela, informando terem reasumido as suas funções.

—Do director da Escola de Cegos Branco Rodrigues, do Porto, informando que um dos alunos deste concelho, ali matriculado, fez exame de instrução primária, 1.º grau.

Inteirada.  
Foram lidos alguns requerimentos que baixaram aos seus respectivos pelouros.

### DELIBERAÇÕES

Que ficasse consignado na acta a grande satisfação que a Câmara sente por estar, enfim, livre de

perigo o eminente cidadão e grande estadista Dr. Afonso Costa.

Que disto se lhe deve desde já dar conhecimento, e que o presidente da Comissão fique encarregado, pessoalmente, de transmitir esta resolução.

Sendo 23 horas, e não havendo mais que tratar, foi encerrada a sessão.

## CANTIGA

Embora, senhora andeis  
De finas telas vestida,  
Por meus olhos sois despida.

De clara holanda vestis  
Vosso corpo, linda Infanta,  
Belo rocal de rubis  
Vela-me a vossa garganta;  
Trazéis manto de veludo,  
Garbosa saia comprida,  
Mas, apesar disso tudo,  
Por meus olhos sois despida.

Através das ricas vestes,  
Que vos vestem, linda Infanta,  
Adivinho os dons celestes  
Do vosso corpo de santa;  
Vossas vestes de setim,  
De brocado ou lã garrida.  
De vidro são para mim:  
Por meus olhos sois despida.

Vejo-vos só mãos e cara  
Mas não preciso ver mais  
Para calcular a rara  
Graça do que me ocultais...  
Para què rendas e folhos,  
Senhora da minha vida,  
Se por estes tristes olhos,  
Por meus olhos sois despida?

Eugenio de Castro.

## NO EDEN-TEATRO

### A revista O DIABO A QUATRO

Constitui o mais cómodo, alegre e interessante espectáculo do Lisboa

O diabo a quatro, a nova e engraçadíssima revista em 2 actos e 8 quadros, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, representa um dos êxitos mais retumbantes e mais justamente conferidos pelo público. E' um modêlo de leveza, de bom gosto, de sabor popular e, simultaneamente artistica. Esta peça, destinada a divertir o verão lisboeta, tem uma parte interessantíssima de fantasia e uma parte alegre de critica, em que ressalta nos comentários graciosos e nas allusões cheias de espirito, um notável poder de observação. Não tem pornografia, porque os seus autores, mestres incontestáveis no género, a ela não precisam recorrer para conseguir uma peça humorística no gosto da sátira politica e de costumes que é O Diabo a quatro. A alegria da peça é realçada pela alegria do desempenho, em que se destacam Nascimento Fernandes, Henrique Alves, Estêvão Amarante, Amélia Pereira, Berthe Baron e Bárbara Wolkart, distintos e queridos artistas, que foram no belo desempenho que deram aos seus excelentes papeis, bem acompanhados por Mário Duarte, Alvaro Cabral, Martins dos Santos, João Silva, Narciso Vaz, Luisa Durão, Egidia d'Oliveira, Herculina do Carmo, etc. Nunca se reuniu em Portugal, nos últimos tempos, uma tam boa companhia do género. A música é viva e colorida. A montagem, tanto de cenário, como de guarda-roupa, excede, em luxo e suntuosidade, tudo quanto possa imaginar-se. Acresce ainda que o Eden-Teatro, na Avenida da Liberdade, é, com as suas belas e elegantes dependências, a que estão anexos os grandiosos salões do Palácio Foz, é o teatro especialmente destinado aos espectáculos por sessões. Quem fór a Lisboa, portanto, não deve deixar de ir vêr O diabo a quatro.

## Polícia Civil

ST. A. L. de Carvalho:  
31-7-915.

O ano passado, como V. muito bem sabe, tive uma grave doença, a que todo e qualquer mortal está sujeito. Na minha convalescença, passada fóra desta terra, um grupo de... não posso dizer quem, pois que a minha consciência de nada me acusa, porque nunca fiz mal a ninguém, levantou uma campanha infernal contra o inofensivo e humilde chefe de polícia, recorrendo até ao paquim. E V., no seu respeitável jornal, publicou uma local em que, depois de expôr ao que estava sujeito um empregado público, principalmente um chefe de polícia, poz, como era de justiça, as columnas do seu conceituado jornal à disposição de quem quer que fôsse que com provas quizesse depôr contra qualquer falta que a minha pessoa cometesse. Ninguém appareceu, porém, a atacar-me mais, porque nunca vi nada publicado, e V., que tem character e que se não vende, porque ninguém se lhe queixou, nada mais publicou.

Este ano, após uma leve recaída, devido a ter tido quatro dias e quatro noites de serviço continuo em que não pude descansar um só momento, pelo que tive de recorrer ao leito, vejo-me outra vez alvejado com infâmias, calúnias e aleivosias mandadas por um semi-correspondente dum simpático jornal do Porto, que julga que tem nesta cidade quem o represente dignamente e afinal se verá. Chega ao cúmulo de me chamar bêbedo, que compareço bêbedo ao serviço, quando eu há

## Funcionários das letras a quem não pagam... senão com atraso!

Disse no parlamento um deputado democrático, que é professor primário, existirem concelhos onde colegas seus jestão sem receber vencimentos há três e quatro anos! Insurgiu-se o mesmo deputado contra estes factos—je bem deploráveis que elles são!—mas a nós quer-nos parecer que uma parte dessa responsabilidade cabe não às Câmaras mas ao poder central, visto que a descentralização do ensino decretada em 1911 ainda até hoje não foi posta de acôrdo com os seguintes artigos de lei:

«O Estado é obrigado a contribuir com a quota parte para as despesas com a instrução primária, nos concelhos que apresentarem deficit, (n.º 9.º do art. 53.º)»

«O Governo concederá aos concelhos, nas condições do n.º 9.º do art. 53.º, um subsidio para ocorrer ao deficit a que o mesmo número se refere (art. 54.º)»

Ora é sabido que algumas Câmaras não estavam em condições de poder distrair receitas para ocorrer às despesas com a instrução primária dos respectivos concelhos—a não ser que se socorressem do expediente de lançar sobre os municipios mais um adicional tributário.

Deste modo, se há quem não pague aos professores, não são as Câmaras—é o Estado.

Quem precisa levantar a voz para uma reclamação, alisar um direito, dar um alívio, só tem que dirigir-se de cara descoberta, a esta acção, que é um jornal para todos. Vamos: entrem-nos a sua prova, seja como fór—contanto que não se defenda um principio justo, racional, humano, atencional.

um ano não posso usar bebida alguma a não ser águas minerais da Penha. Nos tribunais se averiguatá tudo; custa-me ter de chamar à responsabilidade um correspondente dum jornal republicano, mas para minha dignidade não tenho outro recurso. E' no tribunal, é na presença dos dignos magistrados judiciais que se provam os factos.

Não quero massar mais V. nem ocupar-lhe mais espaço.

Vou pedir ao Ex.º Governador Civil uma sindicância aos meus actos, e, depois dela feita, seja qual fór, o seu resultado publicarei em legitima defesa um opúsculo em que descreverei as causas de desagrado da minha pessoa para com alguns; porque uão gostam dos meus serviços, qual o ódio que me tem etc... etc... j Sindicância, sindicância, Ex.º Sr. Governador Civil, ao chefe da policia de Guimarães e à corporação policial!

Peço-a eu.

De V. at.º v.º.

Fausto Augusto da Costa Rebelo.

N. da R.

Como do que acima se infere, o sr. Fausto Rebelo, chefe da policia desta cidade, vai, éle próprio, requerer uma sindicância aos seus actos de primeiro funcionário duma corporação que, por razões multiplas, não satisfaz os fins para que foi criada. Nada temos que opôr a este procedimento, antes em nosso parecer o achamos correcto e legal—o único que, já agora, se torna absolutamente necessário aplaudir para que essa sindicância tenha lugar muito breve, a ver se assim alguma coisa de saneante e util se faz em prol duma corporação que custa ao município perto de 3 mil escudos; e por isso mesmo se impôs o dever de exigir-lhe serviços correspondentes à verba que consome.

Entanto a descentralização não pode ser condenada com este fundamento—como pretendem alguns—pois que o mal, sob o ponto de vista do Estado, já vem dos tempos da ominosa.

## Professores que trabalham

Exames—Nomes e classificações dos alunos da 3.ª classe da Escola Central, desta cidade, submetidos ao exame de 1.º grau: —Afonso do Couto Dias Barbosa, óptimo; António de Oliveira, bom; António Pereira, óptimo; António Pereira de Faria Júnior, óptimo; Avelino Augusto de Araujo Dantas, óptimo; Avelino Cerqueira, bom; Francisco da Costa Ribeiro, bom; Jacinto Teles, óptimo; Jerónimo Gomes da Silva, óptimo; e Laurindo Constante, óptimo.

—Foram propostos pelo professor Albino José Alves Pimenta, de Polvoreira, a exames de instrução primária, 1.º grau, os seguintes alunos: —Óptimos: Firmino Alves Cardoso, Miguel Alves Cardoso. Amadeu Esteves Pereira, José Ribeiro, Aníbal José Alves, António de Abreu, António Mendes de Oliveira, Manuel Vaz Guimarães e José Dias Pereira. —Bons: Joaquim Neves, Carlos Fernandes, Alfredo Cardoso de Castro, Armindo de Abreu, José Alves e João de Sousa.

## Serafim Rodrigues

Solicitador encartado  
GUIMARÃES

## Agradecimento

Com o coração dilacerado pelo profundo golpe que acabo de sofrer com a perda de meu saudoso marido, e comovida com o carinhoso affecto que tem sido dispensado pelas pessoas de nossa amisade, amigos e parentes, a todas as pessoas, enfim, que me amparam neste momento doloroso da vida, venho por este meio apresentar os respeitáveis protestos da minha sincera e eterna gratidão.

Particularmente ao comércio desta cidade confesso-me devedora do mais profundo reconhecimento, pela consideração de que me cercaram muitos dos seus honrados membros, pedindo a Deus que os recompense da sua generosidade, uma vez que não tenho melhor meio de lhes patentear a a minha gratidão.

Maria Felicidade dos Santos Simões.

Guimarães, 2 de Agosto de 1915.

## Alfaiataria Londres

Praça D. Afonso Henriques, 49

F. Silva Assunção  
Alfaiate

Nesta alfaiataria confecciona-se toda a qualidade de fatos para homens e crianças, a feitio, com forros e sem elles.

Esmerado acabamento  
Preços razoáveis

## EDITAL

(1.ª Publicação)

## A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz público que recebe propostas pelo prazo de 15 dias, a contar da publicação deste, para o provimento do lugar de servente da Escola Central do sexo feminino, mediante a retribuição mensal de 5\$00 escudos.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos desta cidade. Guimarães, secretaria municipal, 29 de Julho de 1915. E eu, José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o subscrevi.

O Presidente

Mariano da Rocha Felgueiras.



COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL

PORTUGUÊS

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

SÊDE SOCIAL: Travessa de Santo António da Sé n.º 21

DISPONIVEL

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente empréstimos hipotecários a longo prazo, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortização e depreciação dos títulos, é inferior a 7%, tendo os mutuários a faculdade de antecipar, os seus empréstimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que lhe foram entregues no acto do contracto.

Recebe e guarda nas suas magníficas CASAS FORTES quaisquer papeis de crédito «encarregando-se de receber os respectivos juros».

Pedir esclarecimentos ao seu correspondente nesta cidade EDUARDO M. D'ALMEIDA JUNIOR ou directamente à Sêde da Companhia.



Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

Leiam todos—Senhoras e Homens!

Dois assombrosos inventos científicos!!!

AMOSTRAS GRÁTIS

Não temendo insucessos e para que aqueles já iludidos com ineficazes específicos anunciados para os mesmos casos, forneçamos, de graça, os nossos dois preparados, a título de reclamo, para que se possa avaliar os seus surpreendentes efeitos. Quem nos remeter 100 rs., receberá uma elegante caixinha «Crème Richard» (seu valor 200 rs.) com a maneira de usar. De igual modo, por 200 rs., enviamos meio frasco do «Talisman dos Cabelos» (seu valor 400 rs.).

N. B.—Estas importâncias são unicamente para cobrir, em parte, as despesas de correio, frascaria, embalagem, impressos, rótulos, etc.

OBSERVAÇÃO—Só se recebe em pagamento vales postais, outras ordens ou estampilhas de continente da taxa de 25 rs.

O TALISMAN DOS CABELOS

de E' Richard, químico-perfumista de Paris.

é o melhor tónico capilar!

E' o único que faz nascer o cabelo nos sitios onde tenha caído, impede a queda e o branqueamento; extermina a caspa (causa principal da calvicie) e fortifica-o; promove o seu crescimento, desengordura-o e dá-lhe flexibilidade, tornando-o expesso, brilhante e sedoso; mantém a cabeça em irrepreensível asseio, perfuma-a agradavelmente, facilita e conserva o penteado.

Logo aos primeiros tempos de uso se começa sentindo os seus prodigiosos efeitos.

Preço

Um frasco grande 800 rs. Pelo correio 900 rs. Pelo correio registado 950 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da recepção) 1030 rs.

O CRÈME RICHARD

Realisa e conserva a formosura das senhoras novas; rejuvenesce e embeleza as de idade!

Torna a pele macia, lisa, alva e perfumada, livrando-a de sardas, panos, pontos negros, fendas nos peitos, mãos e lábios, cjeiro, vermelhidão e escamas farináceas, desenvolve, entrija e arredonda os seios; encobre de maneira maravilhosa, os sinais de bexigas; fixa, invisivelmente, o pó de arroz, não empastando, preserva a cutis da acção do frio e calor.

E' usado, igualmente com vantagem, contra cravos, feridas, etc. Converte assim, por encanto, um rosto pálido, anémico e extremamente feio em formoso, adquirindo uma côr sãdia dum delicado setim e frescura.

Preço

Um boião grande 500 rs. Meio boião 300 rs. Pelo correio mais 25 rs. Pelo correio (registado) 75 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da entrega) respectivamente 720 e 520 rs.

Estes preparados não contem substancias nocivas á saude.

Numerosos atestados comprovam o que afirmamos.

Pedidos a J. T. RHCINE—R. dos Donradores, 197, 2.º—LISBOA

Confeitaria Parisiense

—DE—

DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºS

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brasileira,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades.
Variedade em doces.	Serviço de chá	Massas e farinhas alimentícias.
Especialidade em doce de ovos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesa	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Lunch's Sandwichs	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras das principais fábricas.		

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano . . . . .	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha . . . . .	40 rs.
Semestre . . . . .	600 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . .	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso . . . . .	30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão